

# O SUFIXO *-ISMO* NA HISTÓRIA DAS GRAMÁTICAS DA LÍNGUA PORTUGUESA E SUA PRODUTIVIDADE A PARTIR DO DICIONÁRIO DE LÍNGUA PORTUGUESA ANTÔNIO HOUAISS

Vanderlei GIANASTACIO<sup>1</sup>

## RESUMO

Esta pesquisa consiste analisar o porquê de o sufixo *-ismo* não aparecer como objeto de estudo nas gramáticas da língua portuguesa do século XVI ao XVIII, pois vocábulos como *solecismo*, *barbarismo* e *batismo* já estavam presentes, nesta época, no léxico português. Logo, questiona-se a presença dessas palavras, visto que o mesmo sufixo ainda não era utilizado para a produção de novos vocábulos.

Perante tal problemática, o objetivo desta pesquisa é entender a partir de quando, com qual significado e porque o sufixo *-ismo* passa a ser estudado nas gramáticas de língua portuguesa. O *Dicionário de Língua Portuguesa* de Antônio Houaiss, com sua datação de quando os vocábulos com *-ismo* entraram para o léxico português, mostram que algumas ciências já recorriam a esse sufixo para denominar novos elementos que surgiam em suas áreas nos séculos XVII e XVIII. Pretende-se entender qual foi o critério utilizado na época para formar vocábulos com o sufixo *-ismo*, visto que este não era trabalhado pelos gramáticos como formador de novos vocábulos.

As pesquisas realizadas até o momento mostram que a primeira gramática de língua portuguesa a apresentar o sufixo *-ismo* é a de Júlio Ribeiro, em 1881. Esta apresenta características estruturalistas, porém a obra do campo lingüístico que marca a origem do estruturalismo foi publicada em 1916, o *Curso de lingüística geral* de Ferdinand de Saussure. Destarte, faz-se necessário considerar os escritos dos filósofos e lingüistas que se destacaram antes de Saussure, destacando o alemão Wilhelm von Humboldt e como suas idéias influenciaram Júlio Ribeiro. Humboldt já observara que a linguagem humana consistia num sistema governado por regras.

PALAVRAS-CHAVES: SUFIXO *-ISMO*; HISTÓRIA; GRAMÁTICA;

ESTRUTURALISMO

## O sufixo *-ismo* na língua grega e latina

As gramáticas de língua portuguesa hodiernas afirmam que sufixo *-ismo* tem sua origem na língua grega, no sufixo *-ismós*. Ao analisar as gramáticas de língua grega, percebeu-se que o *-ismós* não formava sufixo nessa língua e sim, a terminação *-mós*.

---

<sup>1</sup> USP Universidade de São Paulo - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas - Área Filologia e Língua Portuguesa. Rua Coriolano, 1584 - Vila Romana CEP 05047-001 - São Paulo - São Paulo - Brasil - vanderleiharumi@hotmail.com

Esta era utilizada para formar substantivos de ação a partir de verbos. No passado, na língua grega, o sufixo *-ismo* contribuiu para a formação de substantivos deverbais de ação. Por mais que as gramáticas de língua portuguesa, em geral, afirmam que esse sufixo teve origem no grego *-ismós*, verificou-se, ao pesquisar as gramáticas de língua grega, que o sufixo utilizado nesta língua era o *-μός*. A presença de sufixos na língua grega é conhecida por vários autores. Robertson (1919, p.146) entende que o “grego é rico nestes sufixos formativos, que são mais ou mais menos populares em vários períodos da língua. Os sufixos no grego são completamente similares àqueles no Sânscrito mais velho”<sup>2</sup>. Ainda Robertson (1919, p.152), os vocábulos na língua grega que terminam em *-μός* expressam ação, pois dos verbos terminados em *-ίζω*, é possível encontrar o substantivo *βαπτισμός*. Assim, “a terminação *-μός* sobrevive no grego moderno literário (...) a tendência é que as novas palavras terminadas em *-μός* diminuam. O grego vernacular moderno tem deixado perder esta terminação”<sup>3</sup>. Um outro exemplo de substantivo de ação no grego é o vocábulo *πολεμα* - “guerra”. No nominativo, singular da segunda declinação, aparece o sufixo *-μός* - *ὁ πόλεμος* - “a guerra”.

Freire (1986, p.259) entende que há diferenças morfológicas dos verbos no futuro entre o grego bíblico (ou *κοινή* popular) e o clássico. “Os verbos que terminam em *-ίζω* têm também o futuro regular *-ίσω*, em vez do futuro ático (*-ιω*)” (FREIRE, 1986, p.259). Assim, Freire apresenta os sufixos de ação ou resultados de ação. São eles: *-σις*, *-σία*, *-α*, *-η*, *-μα*, *-μη*, *-μός*, com os exemplos seguintes: *μάθη-σις*, *estudo* (*μανθάνω*, *estudar*); *θυ-σία*, *sacrifício* (*θύω*, *sacrificar*); *φθορ-ά*, *corrupção* (*φθείρω*, *corromper*); *εὐχ-ή*, *oração* (*εὐχομαι*); *διωγ-μός*, *perseguição* (*διώκω*) (1986, p.269).

<sup>2</sup> “the Greek is rich in these formative suffixes, which are more or less popular at various periods of the language. The suffixes in the Greek are quite similar to those in the older Sanskrit.” (*tradução nossa*)

<sup>3</sup> “The ending *-μός* survives in literary modern Greek (...) The tendency to make new words in *-μός* decreased. The modern Greek vernacular dropped it.”

Taylor (1986, p.76) faz um destaque da ausência da letra sigma  $\sigma$  no presente do indicativo médio no verbo *δεδίωγμαi* – *prossigo*. Mesmo sendo um verbo de ação, *διώκω* – *perseguir*, pelo fato de sua raiz terminar em  $\kappa$ , *διωκ-*, acrescenta-se a letra  $\zeta$  (xi) ao ser conjugado no futuro do indicativo, formando o vocábulo *διώξω*. A origem dessa mudança está na regra grega utilizada para os verbos que suas raízes terminam  $\kappa$ ,  $\gamma$  ou  $\chi$ . Tal terminação ao unir-se com o  $\sigma$ , formam o  $\zeta$ . Já para formar um substantivo de ação a partir do verbo *δεδίωγμαi* – *prossigo*, acrescenta-se na raiz do verbo o sufixo – *μός*, transformando-o em *διωγμός*, *perseguição*. Nesse caso, este substantivo deverbal não utiliza o  $\sigma$  (sigma) antes do sufixo *-μός*.

Considerando como exemplo o verbo *βαπτίζω* – *imerjo, mergulho* e a sua raiz *βαπτιδ-*, nota-se que na língua grega, para a formação do futuro de um verbo, conforme as terminações da raiz há a transformação em sigma  $\sigma$ . Por exemplo: as “línguo-dentais  $\tau, \delta, \theta + \sigma = \sigma$ ” (TAYLOR, 1986, p.76). Por esse motivo, o verbo *βαπτίζω*, no futuro torna-se *βαπτίσω*. Quando esse verbo é transformado em substantivo, o  $\sigma$  (sigma) permanece antes do sufixo ou terminação *-μός*, por exemplo, *βαπτισμός*, que é o ato da imersão. Visto que o vocábulo *batismo* é uma das primeiras palavras que aparece na língua portuguesa com a terminação em *-ismo*, convém atentar para a afirmação de Magne (1953, p.179) ao tratar do verbo batizar em grego.

Deste verbo, que o latim eclesiástico tomou do grego, são variantes 1. Em português: o deverbal pop. *baptizo*, equivalente do m. *baptizado*; *baptizamnto*, *baptizante*; *baptista*, adj. e subst., seita protestante que administra o batismo só aos adultos; *baptistino*, relativo às festas joaninas ou e S. João *Baptista*; *anabaptista*, adj. e subst., à letra “rebaptizador”. Com o verbo grego 2, imergir, mergulhar, de que deriva 3, se relaciona o f. *baptísia*, género de plantas

leguminosas. Representam a vocalização normal do *-p-* os arcaísmos portugueses *bautismo, boutismo, boutizar*.

Já na língua latina, percebeu-se que o sufixo *-ismus* não era classificado e utilizado como sufixo, por mais que haja, no latim, palavras terminadas em *-ismus*. O latim, inicialmente falado em Roma, estendeu-se por toda a Itália e alcançou a Europa ocidental. Essa conquista realizada pelo Império Romano, levou a língua latina a ter uma relação, tanto com o grego como, mais tarde, com o português. Said Ali (1971, p.243) observa que outras palavras também foram utilizadas no grego cristão e depois no latim eclesiástico como, por exemplo, *eksorkismós* e *exorcismus*. Esse autor entende que “os termos *catecismo (catechismo), cristianismo, paganismo, aforismo, exorcismo* e vários outros se devem ao latim da Idade Média, sendo uns tomados diretamente ao grego, outros formados analogicamente”. Maurer Jr. (1962, p.171) afirma que o latim recebeu uma influência muito forte da língua grega, porque esta era mais rica que aquela. Houaiss também traz informações semelhantes em seu dicionário ao explicar o sufixo *-ismo*. Ele apresenta o sufixo no grego e explica que, antes de entrar para o léxico da língua portuguesa, o *-ismo* passou pelo latim:

do gr. *-ismós, oû*, formador de nome de ação de verbos em *-izó* e, às vezes, em *-ió*, pelo lat. *-ismus, i*, donde: gr. *katékhizó:katékhismós*: port. *catequizar:catecismo*; gr. *hellenizó:hellenismós*: port. *helenizar:helenismo*; gr. *ostrakizó:ostrakismós*: port. *ostracizar:ostracismo* (HOUAISS, 2001).

Não sendo classificado como sufixo na língua latina, a transição do sufixo grego *-μός* para o latim *-ismus* necessitaria de uma prótese da letra *i* e *s*, para transformar o *-μός* em *-ismus*, como já fora mencionado acima. Um fator relevante aqui é que, na história da língua portuguesa, a prótese não é utilizada apenas em sufixo. A prótese sempre aparece na formação de novas palavras. Sendo assim, pelo fato de o sufixo –

*ismus* não aparecer nas gramáticas de língua latina e nem poder ter sido formado mediante uma prótese, é mais provável que ele tenha surgido no latim por meio de palavras transliteradas do grego que terminavam em  $-\mu\acute{o}\varsigma$ , e como eram substantivos de ação, então terminavam em  $-\iota\sigma\mu\acute{o}\varsigma$ , como o caso de  $\beta\alpha\pi\tau\iota\sigma\mu\acute{o}\varsigma$ . No caso do  $\omicron$  (ômicron) no  $-\mu\acute{o}\varsigma$ , ter passado para o *u*, em latim, formando assim o *-ismus*, entende-se como uma alteração vocálica.

Nas gramáticas<sup>4</sup> da língua latina consultadas, no estudo sobre derivação de palavras, o sufixo *-ismus*, este em latim, não foi encontrado. Furlan (2006, p.153), em sua gramática latina, apresenta sufixos que formam substantivos derivado de verbos com o mesmo valor semântico do sufixo  $-\mu\acute{o}\varsigma$  na língua grega. São eles: *-io*, *-tio*, *-or*, *-us*, *-ium*, *-ido*, *-ura*, *-men*.

### **O sufixo *-ismo* nas gramáticas de língua portuguesa**

Do latim, o sufixo *-ismus* passou para a língua portuguesa em *-ismo*. Os estudos de afixos não estão presentes nas gramáticas de língua portuguesa produzidas entre os séculos XVI e XVIII, como são encontrados nas gramáticas atuais. Esse perfil de escrita, não voltado para os estudos morfológicos, está relacionado com a ênfase que dada ao se escrever uma determinada gramática em sua época. Como consequência desse perfil, os autores dessas gramáticas não tinham sua atenção voltada para as pesquisas sobre a formação de novos vocábulos por meio de afixos. Partindo do pressuposto da relação existente entre cultura e linguagem, entende-se que, mesmo que no Mercantilismo novas palavras surgiram para expressarem os instrumentos utilizados

---

<sup>4</sup> Esse, entre outros sufixos apresentados por Furlan, não se encontra nestas páginas o sufixo *-ismus*. O mesmo acontece com a gramática da língua latina de NÓBREGA, Vandick L. *A presença do latim*. Rio de Janeiro: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais. 1962. Nos dicionários desse mesmo idioma também não foi encontrado o sufixo *-ismus*. Alguns deles são: o de Manuel Bernardes Branco, *Portuguez-Latino*. Lisboa: Livraria Ferreira. 1879, o de Jacques André, *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine*. Paris: Éditions Klincksieck 1994 e o de LEWIS, Charlton T. & SHORT, Charles. *A Latin Dictionary*. London: Oxford University Press. 1879. (tradução nossa)

e voltados para a navegação, sabe-se que, no Iluminismo, houve a necessidade de novos vocábulos, principalmente os que identificavam novas descobertas nas diversas ciências. Neste momento da história, o sufixo *-ismo* contribuiu para a produção de novos vocábulos. Por outro lado, isso não significa que esse sufixo nunca fora utilizado na história da língua portuguesa, pois palavras que se encerram com *-ismo* já eram úteis e pertenciam tanto à linguagem popular, como culta. Algumas podem ser destacadas, como *solecismo*, *barbarismo* e *batismo*. Entendendo que o *-ismo* não era um sufixo de produção lexical, questiona-se a presença dessas palavras antes do Iluminismo.

Ainda, antes do século XVIII, um fato histórico que colaborou para que as palavras terminadas em *-ismo* passassem a ser divulgadas de uma forma mais intensa, foi a invenção do prelo por Guttenberg, em 1440. A imprensa colaborou com reprodução em maior quantidade de cópias dos textos escritos (CAMPOS 2004, p.18). Said Ali entende que foi graças à Igreja Cristã o fato de muitas palavras latinas passarem a ser vulgarizadas e, nem por isso, deixaram de ter o seu caráter erudito. Mesmo a linguagem popular utilizando tais palavras com frequência, nota-se que não houve uma produção de novos vocábulos com o uso do sufixo *-ismo*. Foi a língua culta, nos séculos XVIII e XIX, influenciada pelo movimento intelectual que ocorreu na França, que colaborou para o uso desse sufixo (SAID ALI, 1964, p.243).

O Dr. Zwinglio O. Guimarães Filho, do Grupo de Pesquisa de Morfologia Histórica (GPMH), da Universidade de São Paulo, dirigido pelo professor Dr. Mário Eduardo Viaro, utilizando o *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa* como *corpus*, selecionou os verbetes terminados em *-ismo* de uma forma cronológica, conforme as datas que entraram no léxico português. A partir do século XVII, já é possível encontrar um aumento significativo na produção de vocábulos com o sufixo *-ismo*. Com menos de dez mil verbetes no século XVIII, percebe-se um crescimento para mais de trinta mil

vocábulos no século XIX. As próprias palavras de Houaiss expõem essa produtividade com esse sufixo. Ele afirma que “o suf. *-ismo* foi, primeiro, us. em medicina, para designar uma intoxicação de um agente obviamente tóxico: *absintismo, alcoolismo, ergotismo, eterismo, hidrargirismo, iodismo*” (HOUAISS, 2001). Como o despertar da ciência e dos demais ramos do conhecimento, o sufixo *-ismo* parece ter sido um elemento de grande contribuição para a formação de novas palavras. Houaiss ainda acrescenta que no século

XIX e no sXX, seu uso se disseminou para designar movimentos sociais, ideológicos, políticos, opinativos, religiosos e personativos, através dos nomes próprios representativos, ou de nomes locativos de origem, e se chegou ao fato concreto de que potencialmente há para cada nome próprio um seu der. em *-ismo* (HOUAISS, 2001).

Dessa forma, questiona-se a produtividade do sufixo *-ismo*, visto que até o século XIX ele não era reconhecido como sufixo pelos gramáticos de língua portuguesa. Contudo, faz-se necessário, para entender essas questões, observar como o sufixo *-ismo* apareceu pela primeira vez na gramática de língua portuguesa de Júlio Ribeiro, editada em 1881.

Julio César Ribeiro Vaughan nasceu no dia dezesseis de abril de 1845, em Minas Gerais, na cidade de Sabará. Fez a sua escola primária em Minas Gerais e depois, mudou-se para o Rio de Janeiro. Permaneceu ali apenas três anos. Mudando-se para São Paulo, iniciou estudos nas áreas de magistério e jornalismo. Foi diretor e proprietário de diversos jornais da época, dentre eles, o Estado de São Paulo, a Gazeta de Campinas e, no período de 1870, a 1872, trabalhou no jornal Sorocabano. Culto, Ribeiro conhecia as línguas modernas, o grego e o latim. Com esse conhecimento, pôde publicar estudos sobre filologia no Almanaque de São Paulo. A respeito dele, Leite escreve que “a biografia de Júlio Ribeiro mostra que ele foi mais jornalista e escritor do que gramático,

mas, mesmo assim, foi personagem importante para a historiografia lingüística” (2007, p.01). Além de escrever sua gramática, Ribeiro também foi

professor de retórica no Instituto de Instrução Secundária, em Salvador, e de língua portuguesa, no Colégio Culto à Ciência, em Campinas. Foi escritor, seguidor de Émile Zola, e, pela repercussão de seus romances foi membro da Academia Brasileira de Letras” (LEITE, 2007, p.01).

Ribeiro faleceu em 1890, na cidade de Santos, estado de São Paulo, no dia primeiro de novembro.

A Gramática Portuguesa de Ribeiro, sob a influência de filólogos franceses, alemães e ingleses foi publicada em 1881, na cidade de Capivari. A segunda edição revista foi adotada pelo Colégio Pedro II, em Campinas<sup>5</sup>. Como Cavaliere afirma, esse período do Brasil foi um momento propício para que surgissem novos textos, tratando da língua vernácula, de forma normativa<sup>6</sup>. Afinal, a transferência da Corte para terras brasileiras e a proclamação da independência contribuíram para a vida cultural no Brasil, para a formação de um ambiente que valorizasse a escrita. A partir da gramática de Júlio Ribeiro, os brasileiros do século XIX e do seguinte, passaram a encontrar gramáticas publicadas com métodos diferentes do tradicional. Leite apresenta a citação de Eduardo Carlos Pereira<sup>7</sup>, o qual entende ser a gramática de Júlio Ribeiro um estudo que rompeu com os velhos métodos (LEITE, 2007, p.04). Com uma nova metodologia, tomada do comparativismo e da gramática histórica, encontra-se, na gramática de Júlio Ribeiro, referência aos sufixos.

<sup>5</sup> Sítio da internet: [www.sorocaba.com.br/enciclopedia/ler.shtml?1092549567](http://www.sorocaba.com.br/enciclopedia/ler.shtml?1092549567) (Acessado em 16.12.07).

<sup>6</sup> CAVALIERE, Ricardo. *A corrente racionalista da gramática brasileira no século XIX*. Sítio da internet: [http://www.aalp-edu.org/Resumos\\_Congr/A%20corrente%20racionalista%20da%20gramatica.doc](http://www.aalp-edu.org/Resumos_Congr/A%20corrente%20racionalista%20da%20gramatica.doc) (Acessado em 16.12.07).

<sup>7</sup> “Depois que Júlio Ribeiro imprimiu nova direção aos estudos gramaticais, romperam-se os velhos moldes, e estabeleceu-se largo conflito entre a escola tradicional e a nova corrente. Vai esta hora viva a requesta em todo o campo gramatical. A incerteza das teorias pede meças à variedade desorientadora do método expositivo e à exuberância abstrusa e cansativa.” PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática expositiva*. São Paulo: Nacional. 1926. p. 45 apud. LEITE, Marli Quadros. *Anotações sobre dois autores brasileiros do século XIX: Júlio Ribeiro e João Ribeiro*. Notas de aulas inéditas em 31.10.07.



A posição de Ribeiro a respeito dos sufixos é clara ao afirmar que “são numerosos, uns derivados das formas latinas, outros das formas aumentativas, diminutivas e pejorativas do gênio da língua” (1881, p.153). Os sufixos abordados por ele são aqueles que se juntam ao radical de substantivos: *-aço, -ade, -ado, -al, -agem, -ão, -aria, -ato, -dura, -edo, -eda, -eiro, -ena, -essa, -eza, -iza, -ia, -io, -ismo, -ista, -mento e -ume*. Para Ribeiro, o sufixo *-ismo* “designa a generalização do significado do substantivo primitivo, ex.: heroísmo, khristianismo, materialismo, organismo, positivismo, transformismo” (1881, p.155). Um novo perfil de gramática é possível notar em sua obra, ele já não escreve com uma gramática com o perfil filosófico como a de Fernão de Oliveira e de João de Barros.

Esse novo método utilizado por Ribeiro demonstra uma postura estruturalista, mesmo antes da publicação da obra póstuma *Curso de lingüística geral* de Ferdinand de Saussure. Esta, por sua vez, explicou que os elementos de cada língua eram definidos pela sua relação de equivalência ou de oposição aos outros elementos da própria língua. Entendeu-se que a estrutura era formada pelo conjunto dessas relações. Lepargneur afirma que a estrutura passou a ser compreendida como “um conjunto de elementos entre os quais existem relações, de forma que toda modificação de um elemento ou de uma relação acarreta a modificação dos outros elementos e relações” (1972, p.04). Para os estruturalistas, a língua consiste num conjunto de sistemas ligados uns aos outros, é um sistema de relações. Tanto as palavras, como os morfemas e os fonemas, sem estar relacionados com a oposição que os ligam ou com os seus equivalentes, não podem apresentar nenhum valor<sup>8</sup>. Considera-se que a obra de Saussure, que de certa forma, marca a origem do estruturalismo, foi editada apenas em 1916, depois da gramática de Ribeiro, em 1881.

---

<sup>8</sup> Sítio da internet: [www.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/E/estruturalismo.htm](http://www.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/E/estruturalismo.htm) (Acessado em 13.12.07).

Nota-se assim, qual foi a percepção que Ribeiro teve língua. Ele valorizou a importância da análise sincrônica da língua e foi capaz de fragmentar os substantivos e descobrir a importância dos afixos na língua portuguesa. Ribeiro cita na primeira edição, e explica na segunda, que foi influenciado por William Dwight Whitney<sup>9</sup>. Além de Whitney é possível perceber que outros autores na área da lingüística influenciaram Ribeiro. É possível encontrar na gramática de Ribeiro algumas afirmações semelhantes à de Humboldt, o que demonstra a forma como se deu essa influência. Segundo Milani, que em sua dissertação<sup>10</sup> apresentou as idéias de Friedrich Christian Karl Ferdinand Wilhelm von Humboldt, diz que ele nasceu em 22 de junho de 1767, em Potsdam. “Viveu entre 1767 e 1835, dedicou os últimos 20 anos de sua vida anos à pesquisa do processo da comunicação verbal humana (...) Ele estudou o comportamento estrutural das línguas” (MILANI 1994, p.43).

Dentre vários pensamentos de Humboldt semelhantes aos de Ribeiro, pode-se destacar a seguinte afirmação:

como o indivíduo sempre pertence a um coletivo, a língua é sempre individualmente coletiva. Individualmente, porque a língua é de imediato a expressão de uma individualidade; e coletiva porque todo o indivíduo está encaixado, por sua vez, em um grupo e suas aspirações refletem as aspirações do grupo (MILANI 1994, p.43).

Na gramática de Ribeiro, o pensamento não é diferente, quando afirma que as pessoas começam “a aprendizagem da falla aprendendo a entender as palavras que ouvimos pronunciar aos outros; depois aprendemos a pronunciar-las nós próprios, e a

---

<sup>9</sup> William Dwight Whitney (1827 -1894) foi um norte-americano lingüista, filólogo e lexicógrafo. Foi professor de sânscrito e de filologia comparativa em 1854 e 1869 respectivamente. Nesse último ano foi fundador e o primeiro presidente da *American Philological Association*.

<sup>10</sup> MILANI, Sebastião Elias. *As idéias lingüísticas de Wilhelm von Humboldt*. São Paulo. 1994. Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

coordená-las, como os outros fazem, para exprimir as nossas impressões, os nossos pensamentos” (RIBEIRO, 1885, p.133).

Ambos os autores entendem a relação da língua que há entre o indivíduo e o coletivo. Além disso, Milani (1994, p.22) também escreve que Humboldt provou a existência que há fatores os seres humanos expressam no comportamento exterior e interior “guerras, unificações territoriais, movimentos intelectuais etc., que colaboram para a diversificação dos costumes e comportamentos e levam a uma diversificação lingüística”, e desde que língua seja falada, entendia Humboldt, o vocabulário não poderá ser considerado finito. “Dado que ele é fruto da capacidade de formar palavras, novas palavras serão revitalizadas e criadas enquanto a língua for intermediadora entre a natureza e uma nação” (MILANI, 1994, p.81). Algo semelhante a essa idéia de Humboldt, Ribeiro, ao tratar dos afixos em sua gramática, explica que no léxico de uma determinada língua é possível ocorrer “variações produzidas pela introdução de palavras novas, devidas às relações exteriores, às sciencias, á industria” (RIBEIRO, 1885, p.136).

Além dessas afirmações, há muitos outros elementos que são comuns entre Humboldt e Ribeiro. Dessa forma, percebe-se como se deu a evolução das idéias acerca da língua, pois mesmo antes de Saussure, já havia pensamentos voltados para o estruturalismo. Observando as idéias de Humboldt, torna-se compreensível qual era o pensamento que permeava as discussões na área da lingüística na Europa. A história mostra que essas idéias não ficaram apenas ali, mas foram além mares. Com essas semelhanças nas idéias desses dois autores, inicia-se a compreensão do o uso do sufixo *-ismo* na produção de novos vocábulos e o estudo dele na gramática de Ribeiro, mesmo antes do surgimento da obra que representou um marco para o estruturalismo, *Curso de lingüística geral*.

Na *Grammatica Portugueza: Curso Superior*, de João Ribeiro<sup>11</sup>, escrita em 1889, encontrou-se uma abordagem mais ampla acerca de sufixo. No prefácio da *Grammatica Portugueza Curso Superior* de João Ribeiro, com a primeira edição em 1887, o autor afirma que para produzir a terceira edição recebeu auxílio de dois amigos, do filólogo Dr. Macedo Soares e do Sr. Aureliano Pimentel, que era professor do Colégio de D. Pedro II. Este auxiliou em algumas observações, relacionadas à etimologia da palavra *cigarra*, dos prefixos *-de*, *-dis*, *-des*, *-in* e nos sufixos *-izar* e *-ela*. Para Ribeiro, morfologia é a parte da gramática onde o vocábulo estudado é considerado como um composto de órgãos. O órgão, simboliza, segundo, autor, qualquer parte da palavra que exerce uma função ou apresenta um significado. Como exemplo, ele sugere a palavra *semi-deuses*. Numa análise morfológica, há nesse vocábulo três órgãos: o *semi* que significa *meio*; *Deus* que exprime a idéia de uma pessoa suprema, sendo esta também a idéia principal, a raiz; e o *-es* que expressa a pluralidade do ser. A união dessas três partes, diz Ribeiro, consiste na estrutura do vocábulo (1889, p.69).

Nessa gramática, o autor apresenta os afixos, explicando que estes se dividem em prefixos e sufixos, iniciando logo após, a explanação acerca do sufixo. Estes elementos “prolongam e completam a palavra principal (...) o prefixo tem uma noção definida, e mais positiva do que o suffixo (...) Os suffixos, porém, têm, uma função menos definida e affectam varias accepções, conforme o uso tem estabelecido” (RIBEIRO 1889, p.72).

---

<sup>11</sup> “João Batista Ribeiro de Andrade Fernandes Ribeiro nasceu em Laranjeiras (SE) em 1860 e morreu no Rio de Janeiro em 1934. Foi criado pelo avô com quem desenvolveu o hábito da leitura e de quem recebeu forte influência positivista. Fez os primeiros estudos em sua terra natal, ingressando depois na Faculdade de Medicina de Salvador. Abandonou o curso, ao mudar-se, em 1881, para o Rio de Janeiro e lá matriculou-se na Escola Politécnica, curso que também abandonou. Foi jornalista, colaborando com vários jornais e revistas; além disso, dirigiu o Colégio Pedro II, onde também foi professor catedrático de História Universal. Grande conhecedor de grego, latim, inglês, alemão, holandês e das principais línguas românicas, escreveu inúmeras obras de caráter filológico, dentre as quais se destacam: *Grammatica Portugueza*, *Historia do Brasil*, *O Folclore* e *Paginas de Esthetica*” (FÁVERO & MOLINA 2006:163).

O estudo acerca de sufixos aparece na Lição XVII, intitulada *Formação das palavras em geral; Composição por prefixos e por juxta-posição. – Estudos dos prefixos*. Na subdivisão, *Palavras derivadas*, Ribeiro afirma que tais palavras são as que “se formam de outras por meio de *suffixos* ou terminações: *amoroso* (de *amor* + o sufixo *oso*)” (1889, p.136). Nesse momento da obra, Ribeiro discute a estrutura dos vocábulos, envolvendo raiz, afixos, sua flexão em gênero e número. Além disso, ele tem o cuidado de apresentar a história do gênero, do número e os traços das declinações latinas que permaneceram na língua portuguesa, espanhola e francesa (FÁVERO; MOLINA, 2006, p.170).

Depois de trabalhar os prefixos latinos e gregos, na Lição XVIII, intitulada *Formação das palavras: derivação própria (por suffixos): derivação imprópria (sem suffixos). Estudo dos suffixos*, Ribeiro faz a sua explanação sobre sufixos. “Os suffixos constituem uma riqueza de fórmulas considerável (...) Os suffixos não têm, como sucede os prefixos, a significação exacta e positiva: apresentam apenas uma idéia vaga e pouco definida” (1889, p.149).

Ao mencionar a lista de sufixos, Ribeiro apresenta o sufixo *-ismo* com uma informação, até então, não encontrada em outros autores que escreveram antes e depois dele. Para ele, o sufixo *-ismo* tem sua origem nos “verbos gregos em *izo*” (1889, p.149). Os exemplos apresentados por ele são: *despotismo*, *materialismo*, *espiritualismo*, *jornalismo*, *absenteismo*. Diferente dos demais gramáticos, até mesmo dos gramáticos atuais, Ribeiro explica o sufixo *-ismo*, recorrendo à terminação grega *-izo* utilizada para acrescentar a verbos e transformá-los em substantivos de ação, como foi trabalhado no primeiro capítulo desta pesquisa.

## **A produtividade do sufixo *-ismo* na doutrina religiosa a partir do Dicionário de Língua Portuguesa de Antônio Houaiss**

Apenas em doutrina religiosa, optou-se para uma análise da amplitude que o sufixo *-ismo* pode produzir com nomes. Na classe religião, encontrou-se a categoria doutrina com antropônimos formados a partir de nome do líder religioso com o acréscimo do sufixo *-ismo*, para formar doutrina religiosa. Entende-se como *doutrina* o “princípio, crença, ou conjunto de princípios ou crenças que tem um valor de verdade absoluta para os que o(a) sustentam e seguem, e que é, no entender destes, o(a) único(a) aceitável” (2001). Sendo X antropônimo que expressa o nome do líder religioso, encontrou-se “doutrina de X”, por exemplo “*wiciefismo*, grafada também como *wycliffismo*, doutrina religiosa do teólogo inglês John Wycliff ”; “*hildebrandismo*, doutrina religiosa que segue os ensinamentos de Hildebrando”; “*galismo*, doutrina religiosa de Franz Joseph Gall”.

Nessa mesma categoria, encontrou-se o nome de entidade religiosa. Dessa maneira, forma-se “doutrina religiosa de X (antropônimo, nome de um deus), como por exemplo, *orfismo*, doutrina religiosa e filosófica, os rituais eram atribuídos a Orfeu; *atonismo*, do nome próprio do deus Aton; *luciferismo*, do nome próprio Lúcifer. Lembra-se que essa doutrina religiosa é diferente de *luciferianismo*, doutrina ou seita fundada por Lúcifer ou Lúcifer, bispo de Cagliari (Sardenha, sIV). Nesse caso, os vocábulos pertencem à sufixação isocategorial, pois não mudam de classe gramatical, somente de nome próprio para nome.

Na categoria doutrinária, percebeu-se além da religiosa, a existência da filosófica. Assim, encontrou-se vocábulos antropônimos formados a partir de nome do líder que forma doutrina religiosa e filosófica com o sufixo *-ismo*. Nesse caso, o X é antropônimo que expressa o nome do líder religioso e filosófico. Logo, “doutrina de

X”, por exemplo, foi encontrado *tomismo*, doutrina religiosa teológica e filosófica do pensador italiano santo Tomás de Aquino; *augustinismo*, grafada também *agostinismo* e *augustianismo*, doutrina religiosa e filosófica de Santo Agostinho; *escutismo* ou *escotismo* doutrina religiosa e filosófica de John Duns Scotus. Assim como em doutrina religiosa, os vocábulos pertencem à sufixação isocategorial.

Forma-se também doutrina religiosa a partir do adjetivo que qualifica a religião ou o seguidor da religião com o acréscimo do sufixo *-ismo*. Rio-Torto afirma que essa sufixação é heterocategorial, pois ocorre, quando “o produto apresenta categoria gramatical diferente da base” (1998, p.88). Assim, o X é o adjetivo que qualifica o membro ou seguidor de determinada religião ou seita, formando “doutrina de X”. Nesse caso, o *-ismo* não está relacionado ao nome próprio para a formação de doutrina, e sim ao adjetivo. Isso ocorre com *protestantismo*, ou seja, doutrina de X ou adesão aos princípios de X. Percebe-se que o vocábulo *protestantismo* é formado a partir do adjetivo que qualifica o seguidor, *protestante*. Outro vocábulo é o *catolicismo*, que pode ser doutrina da religião X, formado pelo adjetivo *católico* e o sufixo *-ismo*.

Há também, em doutrina, substantivos que formam substantivos com o acréscimo do sufixo *-ismo*. Considerando X como substantivo e mantendo-se como isocategorial, designou-se pela paráfrase doutrina de X. É o caso de *teurgismo*, do substantivo *teurgo* + *-ismo*; *liturgismo*, do substantivo *liturgia* + *-ismo*; *moralismo*, do substantivo *moral* + *-ismo*; *totemismo*, do substantivo *totem* + *-ismo*.

Doutrina religiosa também foi formada em outros idiomas com o sufixo *-ismo*, surgindo no léxico português via empréstimo. As palavras com essas características tiveram sua origem no francês e no latim, como por exemplo, *personalismo*, do francês *personnalisme*; *messianismo*, do francês *messianisme*; *ultramontanismo*, do francês *ultramontanisme*; *terminismo*, do latim *terminus* + o sufixo *-ismo*; *iluminismo*, do

francês *illuminisme*. Nesse caso, *illuminisme*, em francês, não se refere a período filosófico, e sim, segundo Houaiss, a “doutrina dos que crêem na ação de uma intuição mística, luz sobrenatural ou iluminação divina no interior do ser humano, guiando-o para a verdade religiosa” (2001). Há também por empréstimo, o *generacionismo*, do latim *generatio*, recorre à forma *generacion-* + *-ismo*; *anabatismo*, do francês *anabaptisme*; *enkratismo*, do latim *enkratitae* + *-ismo*; *espiritismo*, do francês *spiritisme*; *sincretismo*, do francês *syncretisme*; *cristianismo*, doutrina religiosa da fé em Jesus Cristo, vocábulo importado da língua latina *christianismus*; o mesmo ocorre com *neocristianismo*.

Encontrou-se no dicionário Houaiss vocábulos de doutrina religiosa formados a partir da fusão de palavras gregas com o acréscimo do sufixo *-ismo*. A etimologia desses ocorre pela fusão de dois vocábulos gregos. Assim percebeu-se no léxico do *corpus*, o vocábulo *monotelismo*. Segundo Houaiss, essa palavra é formada de *mon(o)-* e *telo-*. Esta é um antepositivo grego que significa *conclusão*, e aquela, um antepositivo grego que significa *único*. O vocábulo *monotelismo* traz o significado de, segundo Houaiss, de “doutrina religiosa do sVII que defendia a idéia de que Jesus Cristo possuía somente uma vontade divina” (2001). *Diabolismo*, do antepositivo latino *diab-* + *-ismo*. *Adamismo*, tem sua formação em *adam-* + *-ismo*. O nome Adão aparece na bíblia em português como nome próprio, orem o seu significado no hebraico corresponde ao gênero humano. Sendo assim, *adamismo* é formado por um substantivo comum. *Animismo*, por mais que tenha uma influência do francês *animisme*, esse vocábulo tem sua formação a partir do antepositivo *anim(i/o)-* e o sufixo *-ismo*.

Na religião também foi encontrado trinta vocábulos formados com sufixo *-ismo*, segundo Houaiss. Dentre eles, menciona-se “heresia” em *abelianismo*, encontrou-se o uso do sufixo *-ismo* para formar *heresia*. Considerando X como *abeliano*, entende-se



*abelianismo* como *heresia* de X. “Influência”, na palavra *sacerdotalismo*, observou-se o vocábulo *influência* de X do adjetivo *sacerdotal* + o sufixo *-ismo*. “Obediência rígida”, no vocábulo *formalismo*, no sentido pejorativo, considerando *formal* como X, *formalismo* é a *obediência rígida* de X (do adjetivo *formal* + o sufixo *-ismo*) e “período religioso” em *vedismo*. Sendo X os escritos sagrados Vedas, *vedismo* é o *período religioso* que se praticou rituais com base em X.

Além da área religiosa, encontrou-se a produtividade do sufixo *-ismo* em duzentas e sessenta e uma palavras. Delas, pode-se mencionar, entre outros “vício”, pois em *narcotismo* encontrou-se o vocábulo *vício*. Sendo X substâncias *narcóticas*, *narcotismo* é o *vício* de X. Outro vocábulo é “tratamento”. Em *simplicismo* encontrou-se a formação de *tratamento*. Considerando como *simplice*<sup>12</sup>, *simplicismo* é o *tratamento* por meio de X.

Os vocábulos encontrados, assim como na área religiosa, são substantivos formados de substantivos e adjetivos. No caso de substantivos podem ser próprios ou não. Em *queremismo*, encontrou-se formação de *movimento* na área política, com base na expressão *queremos Getúlio*. Nesse caso, a formação do substantivo masculino *queremismo* deu-se a partir do verbo *querer*. Além desses vocábulos encontrados com a formação em *-ismo*, foi possível observar, apenas em um única palavra, que esse sufixo também forma coletivo em, *colunismo*. Sendo X *colunista*, *colunismo* é o coletivo de X.

### Referências bibliográficas

FÁVERO, Leonor Lopes & MOLINA, Márcia A. G. *As concepções lingüísticas no século XIX: a gramática no Brasil*. Rio de Janeiro: editora Lucerna. 2006.

FREIRE, Antônio S.J. *Gramática Grega*. São Paulo: Martins Fontes. 1986.

FURLAN, Oswaldo Antônio. *Língua e literatura latina e sua derivação portuguesa*. Petrópolis: editora Vozes. 2006.

---

<sup>12</sup> As plantas medicinais usadas no estado natural são denominadas *simplice*.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário de Língua Portuguesa Houaiss*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

LEITE, Marli Quadros. *O nascimento da gramática portuguesa*. São Paulo: editora Paulistana & Humanitas. 2007.

MAGNE, Augusto. *Dicionário Etimológico da Língua Latina*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde - Instituto Nacional do Livro. 1953.

MAURER JR., Theodoro Henrique. *O problema do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica. 1962.

MILANI, Sebastião Elias. *As idéias lingüísticas de Wilhelm von Humboldt*. São Paulo. 1994. Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

RIBEIRO, João. *Grammatica Portugueza Exame de Portuguez 3º ano*. Terceira edição. Rio de Janeiro: Livraria Classica de Alves. 1889.

RIBEIRO, Júlio. *Grammatica Portugueza*. Primeira Edição. São Paulo: Tipographia de Jorge Seckler. 1881. Consultada na bvCLB – Biblioteca Virtual das Ciências da Linguagem no Brasil <http://www.labeurb.unicamp.br/bvclb/obr027> Acesso dia 19.07.2008

RIO-TORTO, Graça Maria. *Morfologia derivacional: teoria e aplicação ao português*. Porto: Porto editora. 1998.

ROBERTSON, A. T. *A grammar of the greek New Testament in the light of historical research*. Nova Iorque: Hodder & Stoughton. 1919.

SAID ALI, Manoel. *Gramática histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica. 1971.

SAID ALI, Manoel. *Gramática secundária e gramática histórica da língua portuguesa*. Brasília: editora da Universidade de Brasília. 1964.

TAYLOR, William Carey. *Introdução ao estudo do Novo Testamento grego*. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações - JUERP. 1986.